

individualmente. Tedrus observa que os jovens pesquisados, apesar dos limites impostos pela condição econômica, na medida de suas possibilidades são consumidores de bens característicos da juventude urbana, como por exemplo o tênis, o boné, o brinquinho, a camiseta.

Dois caminhos distintos colocam-se para o jovem que de fato abandona o trabalho nas ruas, inicialmente encarado por ele e sua família como provisório, circunstancial e reversível: o da integração, através da inserção no mercado de trabalho legal e que depende essencialmente da presença de um mediador significativo (a família, o empregador ou os educadores de rua), e o da destruição, que envolve a marginalidade, a violência e a criminalidade (os mediadores, nesse caso, seriam aqueles vinculados ao mundo da delinquência profissional).

Por outro lado, o ganho diário e a formação de hábitos incompatíveis com o mundo integrado (com a inadaptação a lugares fechados, chefia, horário fixo) podem ser considerados como empecilhos ao movimento de reversão ou de saída das ruas. Forma-se um terceiro caminho: o da continuidade do trabalho nas ruas na alternância com um trabalho legitimado, garantindo o ganho imediato para a sobrevivência ou em uma situação de refúgio em função do perigo de vida que o bairro pode representar.

A título de comentário final, cabe reafirmar que o trabalho realizado por Tedrus evidencia um rigor teórico e metodológico digno de nota. Seu grande mérito é justamente o de demonstrar que os jovens trabalhadores nas ruas não estão isolados nem muito menos articulados em bandos e gangues

prontos para o ataque. "Na rua você tem que saber entrar e sair..." são as palavras de uma jovem que exprimem muito bem a inserção em uma confraria quando do ingresso e permanência nas ruas e quando da saída, a dificuldade em romper relações e a necessidade de mediadores significativos. estrategistas, inseridos em pequenas confrarias que abrem espaço à solidariedade e à diversão, esses jovens não se caracterizam exatamente como "trabalhadores" nem como adeptos do "dinheiro fácil"; são também consumidores e ao mesmo tempo amigos e competidores, livres e submissos, empreendedores e conformados. Nas palavras da autora "nenhuma dessas condutas define totalmente aquele que busca um ganho nas ruas" (p. 125).

Regina Magalhães de Souza
Mestranda - Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo

FREITAS, Maria Virgínia de.
Jovens no ensino supletivo: diversidades de experiência.
São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1995.
Dissertação (Mestrado em Educação).

A pesquisa investigou dois pequenos grupos de alunos do Supletivo Santa Cruz, curso que funciona em colégio situado na zona oeste da cidade de São Paulo que atende, no período diurno, uma clientela de alto poder aquisitivo. O primeiro dos dois grupos — três rapazes e quatro moças — era composto por alunos com um perfil considerado representativo de uma clientela mais tradicional de ensino de adultos: alunos que ingressaram nas séries iniciais do supletivo,

jovens negro, mulatos e brancos com idade entre 20 e 25 anos, na maioria migrantes, todos trabalhadores. O segundo grupo — quatro rapazes e quatro moças —, considerado correspondente a um perfil de alunos que demanda cada vez mais o ensino de adultos, caracterizava-se por ter ingressado no supletivo a partir da 6ª ou 7ª séries, sendo constituído por adolescentes e jovens entre 17 e 23 anos, brancos, solteiros, morando com as famílias e delas dependendo financeiramente.

A pesquisa mostrou como a escola assumia um papel completamente diferente para cada um dos dois grupos. Para o primeiro grupo, a escola era um espaço desejado, bastante valorizado como parte de uma etapa da vida considerada "vitoriosa", na trajetória de migrantes que se percebiam como tendo "melhorado de vida". Para o segundo grupo, identificado entre seus pares como "atrasados", a escola aparecia como fonte de conflitos, assumindo um significado contraditório.

A convivência dos dois grupos era tensa, provocando queixas e críticas de parte a parte. Os primeiros reclamavam da desordem e do barulho, considerando que o outro grupo atrapalhava seu aproveitamento nas aulas. Os segundos desprezavam os alunos do primeiro grupo, considerando-os pouco inteligentes.

Apesar de os dois grupos possuírem em comum a condição de excluídos do ensino regular, cada um vivia essa condição de forma distinta. Os jovens migrantes viam a escola como meio de acesso à modernidade e como meio de inclusão na sociedade urbana. Os adolescentes e jovens do segundo grupo lidavam com a escola de maneira instrumental e imediatista, demonstrando pouco interesse em

relação ao conhecimento ali veiculado. A identidade dos primeiros era marcada pelo mundo do trabalho; a identidade dos segundos definia-se em campos fora do trabalho, como na vivência dos grupos de amigos de rua, no lazer, no consumo e até mesmo na transgressão.

Esses alunos do segundo grupo, que se auto-afirmavam como a "turma do mal", reagiam à escola antagonicamente, suportando-a apenas na medida em que a viam como um espaço de socialização e de experiência de uma vida juvenil paralela à vida escolar propriamente dita.

Os dois grupos demonstravam conferir uma grande importância ao papel do professor. Para os jovens migrantes, o professor valorizado era aquele que sabia explicar bem as matérias, demonstrando paciência e consideração pelos alunos. Para os demais, o professor era visto como o principal responsável pela qualidade do relacionamento estabelecido com eles: se o professor "provocava", eles "reagiam"; se o professor demonstrava amizade, eles se consideravam "conquistados".

Apesar de ter trabalhado com um pequeno número de alunos, o estudo traz à luz aspectos significativos da vida escolar de jovens de origens sociais diversas, colocando questões instigantes para futuras pesquisas sobre o tema.

Maria Malta Campos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Carlos Chagas

VIEIRA, Márcia Núbia Fonseca.
Herdeiros de Sísifo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação (Mestrado em Educação), 1997.

A autora revisita o debate a respeito das relações entre trabalho e educação, enfocando-o a partir da situação do aluno-trabalhador. Impõe-se uma tarefa árdua, na medida em que o tema, além de ter sido bastante explorado, tem suscitado uma série de generalizações que, continuamente reafirmadas se transformaram não só em "verdades" mas, também, em senso-comum.

Uma dessas "verdades" afiança que o bom desempenho escolar é incompatível com o exercício simultâneo do trabalho. Esta tese tem contribuído para respaldar concepções e práticas sociais relativas às crianças, adolescentes e jovens que, por força de contingências históricas e pessoais, têm sido obrigados a fazer exatamente aquilo que a "verdade" considera negativo, ou seja, trabalhar e estudar, simultaneamente.

Tomando por mote essas concepções e práticas, a autora conduziu um estudo com base em entrevistas realizadas com um pequeno número de adolescentes do sexo masculino que trabalhavam, à época da pesquisa, como empacotadores em um supermercado da cidade de São Paulo. Tais adolescentes registravam passagens pela escola em períodos anteriores mas, naquele momento, encontravam-se fora dela. Suas mães também foram entrevistadas, tendo em vista a coleta das expectativas e reações às experiências escolares e de trabalho dos filhos. O objetivo da investigação foi o de analisar, através das

representações de seus entrevistados, o processo de inclusão-exclusão na escola e no trabalho.

A análise das entrevistas mostra que tanto os adolescentes quanto suas mães valorizam igualmente a escola e o trabalho. Indica que este desempenha um papel importante na constituição da identidade desses jovens, como tais e como trabalhadores. E o aspecto mais interessante é o de que os depoimentos permitem à autora concluir, pelo menos em relação ao grupo estudado, que a exclusão da escola não resultou da inclusão no trabalho. Para ela, tal exclusão se deve a uma multiplicidade de fatores. Entre estes salienta a própria escola que, em sua forma de atuar junto aos alunos originários das famílias pauperizadas, promove, entre eles, o descrédito quanto às suas capacidades de produzir intelectualmente, fortalecendo, desse modo, sua ligação com o trabalho pouco qualificado. Um trabalho no qual, apesar das condições adversas e da exploração, os jovens entrevistados encontraram "possibilidades de auto-afirmação e de satisfação de algumas de suas necessidades".

As conclusões da autora, quer a respeito do trabalho quer relativas à escola, devem ser olhadas com cautela na medida em que a pesquisa não implicou o acompanhamento detalhado das atividades do trabalho e, menos ainda, do dia-a-dia das escolas frequentadas pelos entrevistados.

Apesar dessa ressalva, o texto evidencia que a situação do aluno-trabalhador configura realidades bem mais complexas do que querem fazer crer as generalizações simplistas. Aponta, em razão disso, para a necessidade de novas pesquisas que ajudem a desvendá-las.

Celso Ferretti
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Carlos Chagas